

Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo

Josiane Gomes da Silva¹

RESUMO

A proposta do presente trabalho terá como tema a análise do das representações sexuais e eróticas no espaço cotidiano identificado nas fontes iconográficas e escritas encontradas em sítio arqueológico no Egito Antigo. Para se compreender o ideal de sexualidade que existia no Egito antigo é necessário o entendimento de aspectos culturais da sociedade egípcia na antiguidade. Como a religião interferia diretamente no cotidiano desse povo, desde a realeza até a vida difícil do simples camponês. Para este estudo é preciso a análise e aplicação destes conceitos como cotidiano, espaço, religião, representação e sexualidade sobre as fontes.

Palavras-chaves: espaço; cotidiano; erotismo; sexualidade.

RÉSUMÉ

Le but de cet article se concentrera dans l'analyse des représentations du sexe et du érotique dans les espaces quotidiens identifiés dans les sources écrites et iconographiques trouvés dans le site archéologique de l'Égypte antique. Pour comprendre l'idéal de la sexualité qui existait dans l'ancienne Égypte il faut comprendre les aspects culturels de la société égyptienne dans l'antiquité. Comme la religion s'ingère directement dans la vie quotidienne des gens, dès de la royauté à la vie simple paysan difficile. Pour cet étude, il faut analyser et appliquer ces concepts comme de vie, d'espace quotidien, de religion, de sexualité et de représentation sur les sources.

Mots-clés: espace ; quotidien ; érotisme; sexuali.

¹ Mestranda em História e Espaços, pela Pós-Graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O ato sexual para os antigos egípcios não era apenas um momento de prazer, mas sim a ação criadora, ou da origem da vida. Semelhante a outras religiões antigas, na crença egípcia os deuses faziam amor e sexo, sentiam o prazer sexual. Esse sentimento e o desejo pelo sexo e fertilidade era um dos vários elos que ligavam estas divindades aos homens que viviam na antiguidade egípcia. Ou seja, na cosmogonia egípcia alguns deuses e os humanos foram criados através do ato sexual. Pois de acordo com a religião, logo após a morte o *Ba*, “alma” da múmia teria no além a mesma vivência da primeira vida, desde que passasse pelo tribunal do Deus Osíris, por isso a tumba do morto era decorada com objetos do cotidiano e passagens do Livro dos Mortos², para que magicamente as ações representadas no seu túmulo acontecessem. É para ter vida, ou nascer no além o morto teria que ter sua fertilidade e os atos sexuais garantidos magicamente, como fez em sua tumba o faraó Ramsés IX na imagem abaixo, em que sua virilidade esta representada pelos falos eretos dos princípios masculinos, e a fertilidade representada pela mulher que é o princípio feminino.

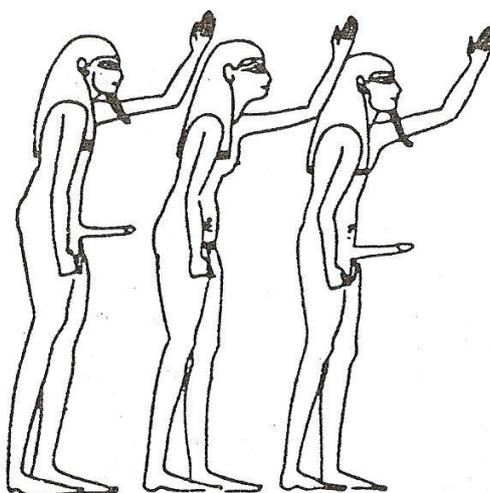


Figura 1 - Reprodução do teto do túmulo de Ramsés IX. Novo Império.

Fonte: ARAÚJO, Luís M. Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo. 2 ed. Lisboa: Colebri, 2000.

A infertilidade no cotidiano egípcio era algo bastante temido, tanto para os homens, quanto para as mulheres. Não ser fértil no Egito poderia levar a um divórcio ou anulação da união do casal. O homem não fértil ou impotente era algo muito grave, pois este ao morrer dependeria de um filho que perpetuasse sua memória, levando oferendas e fazendo ritos em sua tumba. Com estes procedimentos o morto não teria seu nome esquecido, pois só assim ele viveria no além, não teria o risco de passar por uma segunda morte, que era a morte do

² Guia para o *ba* do morto conseguisse passar pelo tribunal de Osíris.

esquecimento de sua memória. Percebemos que o sexo era fundamental para os egípcios, indo muito mais que o prazer, era a ação causadora da primeira via e asseguradora da segunda vida.

Como já foi mencionada antes, a prática sexual também fazia parte das ações do panteão egípcio, foi uma das ações praticadas pelos divinos para criar o mundo e os seres vivos, no próximo tópico discutiremos sobre a relação deuses e o sexo. Na literatura faraônica encontra-se um variado número de relatos, que tratam da cosmogonia egípcia antiga, algumas delas estão carregadas de trechos eróticos.

OS DEUSES

As pesquisas revelam que houve durante todo o período faraônico, vários centros religiosos, sendo que geralmente alguns predominavam sobre outros, havendo até disputas e rivalidades entre essas regiões (ARAÚJO, 2000, p.33-34), pois a popularidade do culto de determinado deus garantia o poder do sacerdote local.

A consequência da competição entre esses vários centros religiosos provocou uma variedade de cosmogonias. Podemos destacar cinco principais interpretações para a origem do mundo, dos deuses e da humanidade. Mas nos relatos que chegaram até nós, existe um elo que os ligam, uma espécie de “espinha dorsal”, em todas elas existiu um ser único causador da origem da vida. Os deuses egípcios se utilizavam, como retratam as passagens de várias compilações sagradas, do recurso do ato sexual para criarem outros seres, seja ele pela masturbação ou pelo ato simples da cópula. (ARAÚJO, 2000, p. 34-35).

Dentre todos os mitos que tratavam do tema da origem do mundo, o que mais explicita o caráter da sexualidade no meio da sociedade dos deuses, é a Enéade de Heliópolis. Assim inicia o mito: “Atum é o que veio à existência, o que se masturbou em Heliópolis. O que empunhou o seu membro pra criar o prazer”.³ Com esse trecho, extraído dos textos das pirâmides, podem ser feitas análises sobre vários aspectos da sexualidade dos deuses no Antigo Egito, a cosmogonia de Heliópolis é uma que nos fornece informações sobre a origem dos deuses e do mundo.

Sabemos que, para se uma compreensão do cotidiano sexual de qualquer sociedade é importante adquirir noções básicas de vários aspectos de sua cultura e religião (ENGEL,

³ “Textos das pirâmides”.

1997). Em se tratando da sociedade do Egito Antigo, cultura e religião são completamente ligadas. Pois, como observou Heródoto: “De todas as nações do mundo, os egípcios são os mais felizes, os mais saudáveis e os mais religiosos”. (HERÓDOTOS, 1988).

Neste caso a religião egípcia, vai interferir diretamente na vida deste povo, pois os Antigos procuram representar na terra vários aspectos do mundo divino, conforme Araújo,

[...] no Egito, todas as ações das forças que governam e atuam nos céus foram transferidas para a terra [...] Mas deve-se dizer que todo o cosmo habita no [Egito] como em seu santuário. (ASCLEPIUS III (25) textos Herméticos).

Para esta sociedade, o mundo em que se vivia era uma réplica em pequena escala das ações do mundo dos deuses. E assim todas as atitudes que os humanos faziam na terra eram julgadas no plano divino.

O egiptólogo Luís Manuel de Araújo vai descrever que, para os Antigos egípcios, antes do surgimento de todas as coisas, no mundo existia apenas na forma das águas primordiais, sem vida. Era a deusa Num (ARAÚJO, 2000, p.35), a partir deste oceano primitivo, vai-se originar o deus Atum que, sozinho, procria a si mesmo e outras divindades. Saindo do estado inerte, era ainda sujeito subjetivo, passando para o estado cinético, vivo; tornando-se sujeito objeto do universo. Assim se referem os textos sagrados sobre os mistérios do deus Atum:

Saudamos a vós, Atum, Saudamos a vós, aquele que se torna si mesmo! Vós sois ao alto nome o altíssimo Vós tornais a si mesmo em vosso nome Khepri (aquele que se que torna a si mesmo).⁴

Após ter conquistado o espírito da vida, Atum pensou em seu coração as formas dos seres, que logo em seguida seriam criados. Estando sozinho envolvido ao oceano primordial, Atum teve em sua ação o ato da procriação. Esta divindade solitária colocaria a sua mão em seu falo, para em seguida praticar o ato da masturbação. Ele expeliu o próprio sêmen e depois o engoliu e colocou-o para fora, cuspidando a forma dos deuses Shu e Tefnut divindades do ar e da umidade respectivamente (ARAÚJO, 2000, p.36). O papiro de Bremner-Rhind assim descreve a criação:

Concebi em meu coração, criei diversas formas de seres divinos, como as formas de meus filhos e dos filhos dos meus filhos [...]⁵; Criei o desejo com

⁴ Textos de Unas, “texto das pirâmides”.

⁵ Papiro de Bremner-Rhind.

minha mão; copulei com minha mão, expeli com minha boca. Cuspi Shu e cuspi Tefnut [...] ⁶; Depois de me tornar um Neter (deus) havia (então) três neteru (deuses) além de mim [...]. ⁷

São fragmentos extraídos do papiro que por sua vez são inspirados nos "textos das pirâmides". Ficando evidente o ato sexual, pois, nesse caso, o próprio deus fala que copulou com sua mão, fazendo assim a manipulação de seu falo que deu a vida às outras divindades.



Figura 2 - Deus Atum procriando e expelindo os deuses Chu e Tefnut, Túmulo de Ramsés IV. Novo Império.

A historiografia aborda esse tema com cuidado, alguns especialistas do assunto mencionam o caráter dualista no contexto dos mitos cosmogônicos egípcio. Conforme Araújo a mão de Atum foi o princípio feminino que possibilitou a cópula, propiciando a criação (ARAÚJO, 2000, p.37-38). Porém, em outra visão poderíamos dizer que, no momento do ato criacionista de Atum, a sua boca teria sido o princípio feminino. Pois através de sua boca a divindade Atum fez acontecer uma espécie de auto fecundação, após o ato da masturbação, o deus colheu certa quantidade de seu fluido sexual e o leva em direção a sua boca, o qual é engolido e o pôs para fora em forma de duas divindades.

Características como dualidade, o hermafroditismo, a bissexualidade, a masturbação ao modelo atúnico e a cópulas, estão presentes em varias divindades do Egito (ARAÚJO, 2000, p.35-48). Vemos em fragmento de textos, que outros deuses são invocados pelos sacerdotes a fazerem ações tal como os deuses da criação. Como exemplo: “O Nilo corre

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

como seu suor vivo e fecunda os campos. Ele agita o seu falo para inundar as duas terras com aquilo que ele criou”.⁸

Prosseguindo o estudo do mito oriundo de Heliópolis, após terem nascido de Atum, os deuses Shu e Tefnut (o primeiro era o deus ar e o segundo umidade), entram em ação de cópula. Sabemos que os elementos ar e umidade são dois fatores de constituição da terra. Nesse instante aparece nos relatos, que os dois procriaram outras formas de seres divinos, aqui novamente o sexo vai ser um processo primordial para a origem da vida, como Shu relata a sua origem:

Cresci em suas pernas, vim a existir em seus braços, criei o espaço em seu corpo.⁹ E não fui feito em um corpo, nem amalgamado em um ovo, nem concebido em um ventre, meu pai Atum esscarrou-me num escarro de sua boca.¹⁰

Estes novos seres viventes procriam, entre si, outro par de deuses. Finalmente de Shu e Tefnut, nascem o deus Geb, o deus terra e sua irmã Nut, deusa céu. Que, por conseguinte foram criados numa espécie de abraço “erótico”, num coito envolvente, nasceram em pleno ato de cópula, só separado pelo seu pai Shu, o ar que separa o céu (firmamento) da terra. Em alguns relatos da mitologia do Egito faraônico, como é notório que entre os divinos existia o incesto entre irmão, mas também a relatos de incesto de filho e mãe. Neste caso é para a garantia do poder:

Segundo um relato tardio, Shu, filho de Ra-Harakhty, reinava em Mênfis, mas após uma revolta retirou-se e subiu ao céu, deixando na terra sua companheira Tefnut à força. Por decência o gravador deixou em branco o nome do violador divino, mas tratava-se de Geb. Esse incesto provocaria catástrofes naturais, mas assegurou a legitimidade do poder de Geb. (naos de Ismailia). (TRAUNCKER, 1995, p.83).

⁸ Hino a Sobek em Kom Omo, 1-2, em André Barucq e François Daumas, o.c., p. 431.

⁹ Capítulos 75 -80, dos textos dos sarcófagos.

¹⁰ Ibidem.

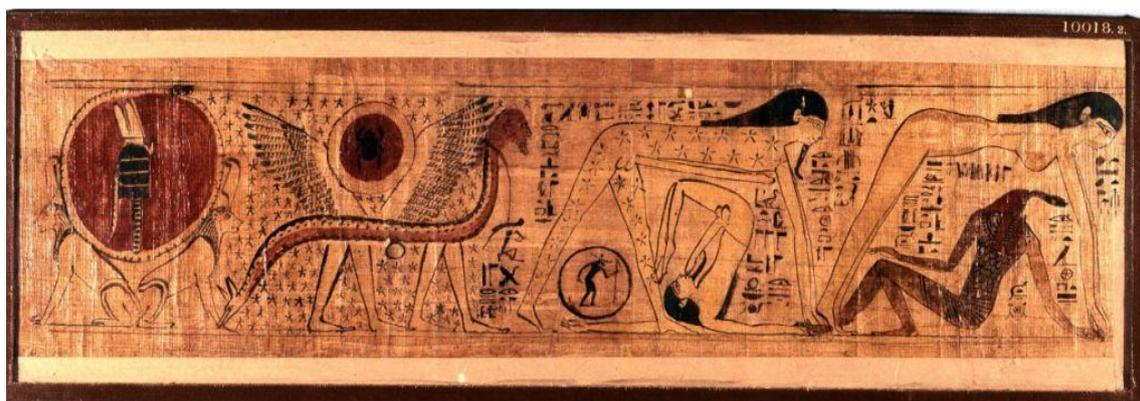


Figura 3 - Papiro de Londres 10018. Novo Império.¹¹



Figura 4 - Par divino, gerado Chu e Tefnut. Nut em cima e geb em baixo. Novo Império.

Fonte: Papiro de Londres 10018 no British Museum.

Não só da disputa pelo poder se constituía o meio das divindades egípcias. Existem outros relatos que ressaltam toda a trama e conflito, muitas vezes complexos. Novamente o ato sexual vai entrar em cena na mitologia egípcia antiga. Os mitos da época relatam que o senhor do universo proibiu a cópula entre os deuses, mesmo assim, os deuses Geb e Nut se encontravam unidos desde o seu nascimento, em pleno ato sexual:

O Senhor do universo proibiu-lhes qualquer relação sexual e quando soube que Nut estava grávida, ainda mais se tratando de quintuplos, ordenou a Shu que separasse os amantes fogosos e decretou que Nut não poderia pôr no mundo nenhuma criança, durante nenhum dia do ano... Tot interveio... Dotou o ano de cinco dias suplementares,... Foi assim que nasceram Osíris, Ísis, Seth e Néftis e Hórus... (NOBLECOURT, 1994, p.39).

¹¹“Uma versão arrojada da criação protagonizada por Atum de Heliópolis. O demiurgo em posse acrobática recorre à autofelação para engolir o sêmen de onde, através do cuspo e do escarro, sairão Chu e Tefnut”. (ARAÚJO, Luís M. *Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo*. 2 ed. Lisboa: Colebri, 2000. p 37).

OSÍRIS E ÍSIS: A RECONSTITUIÇÃO DO FALO DIVINO

Esta é a terceira geração de pares divinos, nesta etapa do mito, que acontecerá no plano terreno, serão os deuses de organização do plano divino. É o quarteto de deuses mais singulares em todo o Egito Antigo. Osíris, sua irmã e esposa Ísis, os outros dois irmãos que também formam o casal são; Seth e sua esposa e irmã Néftis, sendo esta última de função mais apagada se comparada a sua irmã Ísis (MYSLIWIEC, 2004, p.55-56).

Porém há relatos de que Osíris teve um envolvimento secreto com a outra deusa, a sua irmã Néftis, esposa de Seth, o estéril. E desta cópula nasceu o deus Anúbis.¹² Anúbis foi abandonado por sua mãe que temia a ira de Seth, a criança acabou sendo encontrada e cuidada por Ísis. Isso fez aumentar ainda mais a rivalidade que existia entre Osíris e Seth pelo poder no Egito (NOBLECOURT, 1994, p.40).

Outra característica que se pode nos perceber entre os primeiros casais divinos são os relatos de bigamia. Mas, a partir da terceira geração de deuses, é possível ver que quanto mais aumentava o número de divindades, as tentações do mundo terreno se atrelam aos divinos, como é o caso de Seth, divindade criada para sua esposa Néftis. Porém não foi o suficiente, Seth logo tratou de desposar outras “amantes”; eram Anat e Astarté. (MEEKS, 1996, p.105).

Já Osíris e Isis formaram o casal mais emblemático de todos os contos mitológicos espalhados pelo Egito Antigo. Existem vários relatos que contam o mito destas divindades. Além dos relatos descritos pelos próprios egípcios, existem os escritos de Plutarco. Nestes relatos existe uma ordem semelhante, apenas divergindo no final da narrativa (JAMES, 1978, p.22).

Esta lenda inicia no momento da sua criação no mundo, quando já no ventre, Osíris e Isis se amavam. Ao nascer Seth casou-se com Néftis e Osíris com Ísis, porém Osíris foi eleito rei da terra. Seth, sentido inveja do irmão e tramou logo o fim da vida do irmão. Este foi colocado dentro de um caixão e jogado ao Nilo, Ísis encontrou Osíris, mas Seth despedaçou o corpo de seu irmão e o espalha por várias localidades do Egito (JAMES, 1978, p. 30).

Ísis procurou as partes do corpo de seu esposo por todo o reino, auxiliada por sua irmã Néftis, a esposa de Seth. Neste ponto nos textos se contradizem, alguns relatos, a deusa Ísis havia resgatado todas as partes do corpo de Osíris, menos o seu falo, o qual foi engolido por um peixe oxirrinco. A magia desta deusa logo substituiu o falo de Osíris, o que possibilitou a cópula em que Hórus fosse concebido por Ísis e Osíris. (NOBLECOURT, 1994, p.42-43).

¹² Conhecido como o deus do funeral.

Mais uma vez foi necessário um casal de divindades para procriarem outros seres. Mesmo existindo algumas divergências para com os relatos, este mito de Osíris e Isis retrata todas as contendas que envolviam a corte real do Egito Antigo. Todas as intrigas pelo poder, a necessidade para se estabelecer à hereditariedade da família real. Fica claro em meio aos relatos, que o plano terrestre é uma representação em pequena escala do plano divino. Contudo o mundo terreno se espelha no mundo divino, mas a classe que mais seguirá essa regra será a da realeza egípcia, a qual tentava recriar os passos das realezas divinas. Assim como os deuses se casavam com seus primogênitos, os faraós do Egito faziam o mesmo, pois garantiam através do ato sexual a sucessão e perpetuação da família no comando do Egito. Abarcaresmo agora o mito sobre as contendas de Seth e Hórus.

SETH E HÓRUS: A QUESTÃO DO HOMOERÓTISMO EGÍPCIO

A busca pela sucessão ao trono foi tão fervorosamente existente durante o Egito Antigo, vai também aparecer em meio aos deuses. O primeiro mito que já foi descrito no parágrafo anterior vai tratar justamente das disputas palacianas pelos poder, os deuses confabulavam entre si na busca pela autoridade do Egito.

Um mito que se semelha ao mundo das vicissitudes do mundo terreno é o mito que narra as contendas entre os deuses Seth e o filho de Ísis e Osíris, Hórus. Ele vai vingar a morte de seu pai, travando vários embates com Seth, para legitimar seu direito ao trono do Egito, pois ambos alegavam serem os legítimos herdeiros ao trono Egito, já que Osíris estaria reinado no submundo, tornando-se o deus dos mortos.

Após varias disputas pelo trono sagrado do Egito. Seth convida Hórus a ir a sua casa para fazerem as pazes:

Set a Hórus - Vem, passemos um dia feliz em minha casa.¹³

Hórus a Set – Eu irei, eu irei.¹⁴

Ao anoitecer prepara-se uma cama para eles e deitam-se juntos. De noite Seth fica com o pênis ereto e penetra-o nas coxas de Hórus. Então Hórus põe suas mãos entre as coxas e colhe o esperma de Seth. Em seguida Hórus vai contar (o sucedido) à sua mãe Ísis.¹⁵

¹³ Papiro Chester Beatt I, época do reinado de Ramessés V.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

Este trecho do papiro de Chester Beatt nos esclarece como tal situação era percebida na sociedade egípcia da Antiguidade. Isso não quer afirmar que o homoerotismo era encarado como algo comum, mas também não se pode interpretar como um ato totalmente repugnante, dependendo apenas do contexto em que o ato sexual ocorrera. Os valores que existiam no Egito Antigo eram de uma enorme complexidade, para melhor captar estes valores e preciso lançar mãos de nossa visão ocidental e tentar compreender a historicidade do período que aqui e o Egito Antigo.

Continuando este mito, o próximo trecho vai nos fazer entender melhor como era encarada essa situação do homoerotismo:

Hórus a Ísis – Vem, minha mãe Ísis, vem e vê o que Set me fez! Ele abre a mão e mostra-lhe o esperma de Set, ela dá um grito, apanha sua faca, corta a mão (de Hórus) e lança-a na água. Então faz nova mão para ele. E ele pega uma porção de unguento perfumado e passa-o no pênis de Hórus. Ela faz (assim) com que (o pênis) fique ereto, coloca-o sobre um pote e (ao ejacular) deixa seu esperma escorrer ali. Pela manhã Ísis vai com o esperma de Hórus à horta de Set.¹⁶

Agora nessa fase da mitologia “Das contendias de Hórus e Seth”, a mãe de Hórus sabendo do significado daquele ato, num eventual julgamento em um tribunal, tratou logo de fazer algo que invertesse aquela situação. Ísis foi logo ao servo de Seth e perguntou-lhe qual era o legume que Seth se alimentava, o hortelão disse que era alface:

Então Ísis esparge o esperma de Hórus nele. (depois) Set chega, conforme sua rotina diária, e de habito comeu alface. Por isso ele fica grávido com o esperma de Hórus. Então Set procura Hórus.¹⁷

Continuando o relato do papiro, podemos compreender como era percebido o tratamento para com as ações de homoerotismo entre os deuses do Egito Antigo: “(Seth a Hórus) – vamos, apressemo-nos para que eu possa discutir contigo no tribunal! Hórus a Set – Eu irei, eu irei”.¹⁸

Chegando ao tribunal, o mito contido no papiro de Chester Beatt, transmite a importância de no momento de um ato sexual entre dois seres de mesmo sexo, aquele que fez o papel do macho não seria tratado com repugnância. Mas para aquele que fez o papel de

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

fêmea no coito homoerótico, no caso do Egito Antigo, era o que recebia o falo e o sêmen, ficando assim grávida como uma fêmea. Pois como se sabe só o princípio masculino poderia governar o Egito.

É justamente sabendo disto que Seth o utiliza contra Hórus. Porém Ísis havia retirado o sêmen de Seth em Hórus e feito com que Seth engolissem os fluidos sexuais de Hórus. Seth alegaria em vão que havia agido como macho para com Hórus.

Hórus e Set chagam ao tribunal apresentando-se perante da “grande Enéada”:

Enéada – falem!¹⁹

Set – que a função de soberano, me seja dada, pois quanto a Hórus, que aqui está, agi como um homem com ele!²⁰

Então a Enéada se alvoroça e (todos os deuses) cospem no rosto de Hórus. Mas Hórus ri-se deles e faz um juramento pelo deus.²¹

Hórus – O que Set diz e mentira. Que o esperma de Set seja chamado e veremos de onde responde. E depois que o meu (também) seja chamado e veremos de onde responde.²²

Na continuação desta narrativa, o deus Toth é chamado para verificar de onde respondem os sêmens de Hórus e de Seth. O deste último responde das águas enquanto o do primeiro fala de dentro da barriga de Seth. Este pelo fato de ter agido tal como uma fêmea perderia a oportunidade de comandar o Egito.

Isso não quer dizer que o homoerotismo no Egito Antigo era percebido como algo pecaminoso, pois nada ocorreram com as duas divindades mencionadas acima. Apenas aquele que tinha tomado atitude de fêmea não poderia reinar no Egito. É sabido que no Egito da época dos Faraós, o indivíduo para governar o “Kemi”, deveria ser um macho ou pelo menos se comportar com tal para ter acesso ao trono real do Egito Antigo, além de pertencer e ser primogênito da realeza dominante.

Terminamos aqui nossa breve análise de compreensão do sexo no patamar divino e passemos agora para o plano humano, já compreendemos os jogos sexuais dos deuses, agora penetraremos no mundo das vivências sexuais e cotidianas da sociedade egípcias, não esquecendo que esta separação é apenas um recurso didático, pois a presença e a influências

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

da religião e dos deuses permeiam todos os aspectos cotidianos e das práticas sexuais. E para iniciar esta abordagem, faremos uso do enigmático Papiro Erótico de Turim.

O CASO PAPIRO ERÓTICO DE TURIM

Para se ter uma melhor compreensão sobre o papiro é necessário um breve entendimento da arte egípcia, pois estamos lidando com um padrão de composição. Embora a sátira inverta algumas coisas, é possível descobrir de onde o artesão retirou suas referências para servir de molde na elaboração das cenas deste papiro. Hoje, sabemos por que os estilos dos desenhos, relevos e pinturas não tiveram grandes modificações, foi devido à forma como eram produzidas, como explica o historiador John Baines:

Relevos e pinturas dependiam muitos dos desenhos preliminares, preparados de acordo com traços de orientação ou, a partir do Império Médio, dentro de grelhas quadriculadas. As grelhas eram também desenhadas sobre obras já existentes, para facilitar a cópia. (BAINES, 1996).

Outro aspecto que não se pode deixar de ser comentado é a lei egípcia da frontalidade²³, já que os relevos, desenhos e pinturas seguiam esse padrão, em que os humanos e deuses eram desenhados quase sempre de perfil, pois, na estética egípcia, desenhava-se sempre a figura humana com seu lado considerado mais belo, ou alguma parte de seu corpo que o identificasse. Mesmo sendo desenhado de perfil, os olhos e umbigos eram desenhados de frente, assim como os ombros, mas as cabeças, os braços e as pernas permaneciam de perfil. Tudo isto para se manter a visão de beleza que os antigos egípcios concebiam. A realidade era representada do jeito que os egípcios a imaginavam e não como outras civilizações faziam sempre preocupadas com as perspectivas.

Os estudos das representações são necessários no que se refere às análises feitas nas iconografias egípcias, pois de acordo com a autora Denise Jodelet:

De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma idéia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário. (JODELET, 2001, p.22).

²³ Os egípcios pintavam e desenhavam as pessoas em perfil, pois perceberam que cada pessoa possuía um lado do corpo mais belo que o outro.

Sabemos que as cenas representadas no Papiro Erótico de Turim, na figura 5, se passa dentro de uma casa, devido a disposição das imagens e de alguns objetos serem semelhantes aos verificados dentro das casa de Deir el-Medina e, outras nos remete às cenas representadas nos painéis funerários das tumbas privadas no cemitério da vila.

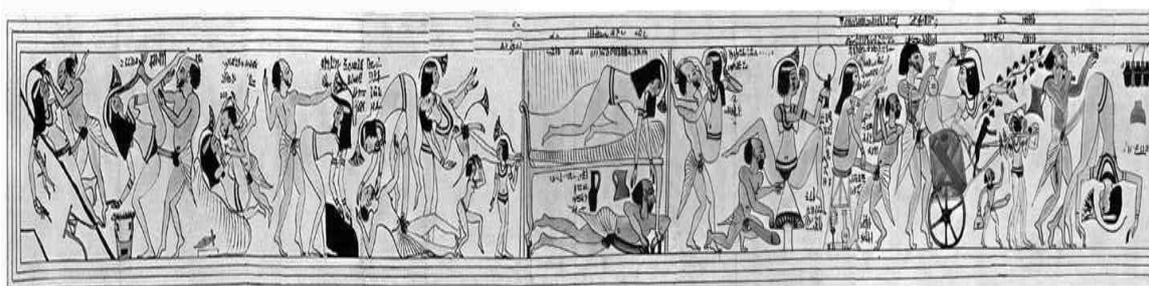


Figura 5 - Papiro Erótico de Turim.

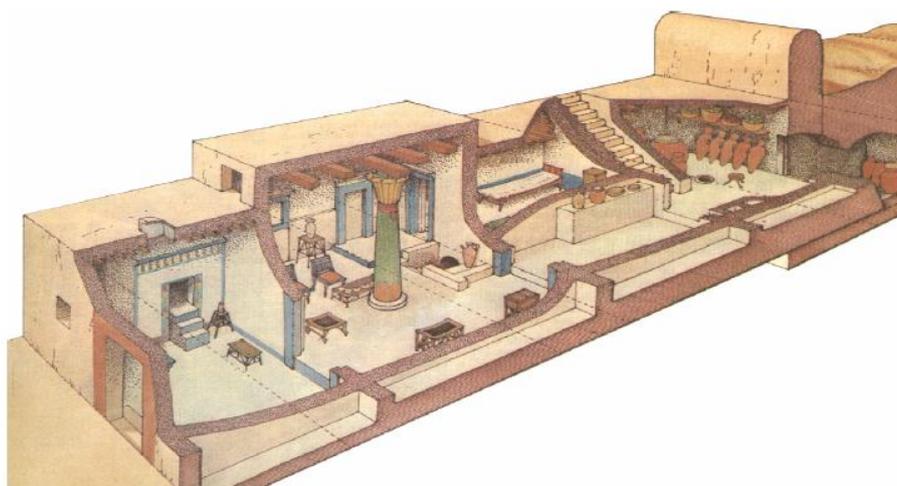


Figura 6 - Reconstrução de uma casa em Deir el-Medina. OLIVEIRA, H. *Mãe, filha, esposa, irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no Egito durante a XIX Dinastia (1307-1196 a.C.). O caso de Deir el-Medina.* Tese (Programa de Pós-graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.p.78.



Figura 7 - Papiro Erótico de Turim. Deir el-Medina. Novo Império.

Nestas primeiras cenas do papiro, na figura 7, observaremos alguns aspectos da vida cotidiana em Deir el-Medina, a questão da religião. Primeiro, temos uma imagem de uma mulher inclinada em um ângulo de 45 graus, na mesma posição do deus Osíris, encontrada na representação desta divindade em tumbas reais do Novo Império, como podemos ver na figura 7. Curiosamente, aqui vemos uma inversão de papéis uma vez que é a mulher quem ocupa o lugar sagrado da divindade masculina. Sabemos que em Deir el-Medina a mulher tinha alguns “direitos”, como por exemplo, o do divórcio, ficar com os bens do marido, até em alguns casos tomar conta do trabalho do esposo em caso da ausência deste. No entanto, mesmo possuindo o título de “senhora da casa”, quem era o chefe da família era o homem e somente o princípio masculino é que poderia ser representado na forma de Osíris.



Figura 8 - Papiro funerário pertencente à Her-uben. Novo Império. Museu Egípcio do Cairo.



Figura 9 - Óstraco de Deir el-Medina. Novo Império. (Museu Egípcio de Turim)

A cena da figura 8 é de um papiro funerário pertencente à Her-uben, como parte de seu guia para o “além” (livro dos mortos). A cena representa o grande deus Osíris despertado pelo seu próprio poder criador em seu túmulo no submundo. Osíris está firmemente ancorado pela serpente abissal.²⁴ Enquanto uma imagem tão sugestiva do sexo masculino pode parecer surpreendente, neste caso (já que o falecido é uma mulher), após os ritos funerários cada indivíduo morto possuía as mesmas possibilidades de renascimento na vida após a morte. Mesmo sendo o morto uma mulher a imagem que representa o renascimento é a de Osíris.

Outras cenas contidas no papiro nos remetem às representações dos banquetes, festas que faziam parte do espaço vivenciado dos egípcios. Nas representações podemos verificar a existência de mulheres tocando instrumentos musicais, dançando e fazendo acrobacias. Vemos uma acrobata representada em um óstraco encontrado na vila, na figura 9. Os

²⁴ Serpente que simboliza para os egípcios as profundezas no pós-morte.

banquetes representados nas paredes das tumbas são uma parte do cotidiano que o morto desejasse ver realizada na sua vida após a morte.

As dançarinas, as músicas, os cânticos e as oferendas eram destinados ao casal, senhores da casa onde ocorre ocorria o banquete. (BRANCAGLION, 1999, p.118). Nas cenas abaixo vemos fragmentos das representações em banquetes das tumbas de Najt e Nebamon, e um desenho de óstraco de Deir el-Medina.

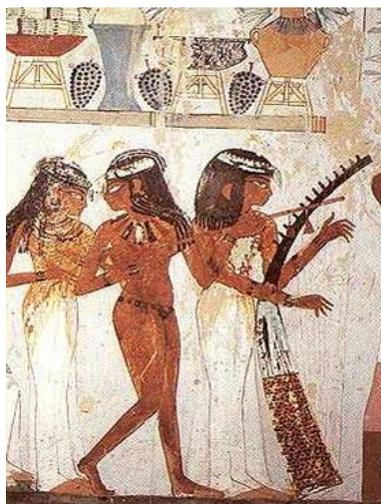


Figura 10 - Musicistas desenhadas na tumba de Najt. Novo Império.



Figura 11 - Desenho de tocadora de instrumento musical. Óstraco de Deir el-Medina, XIX dinastia. (museu egípcio de berlin).

Fonte: ARAÚJO, Luís M. *Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo*. Lisboa: Colibri, 1995.

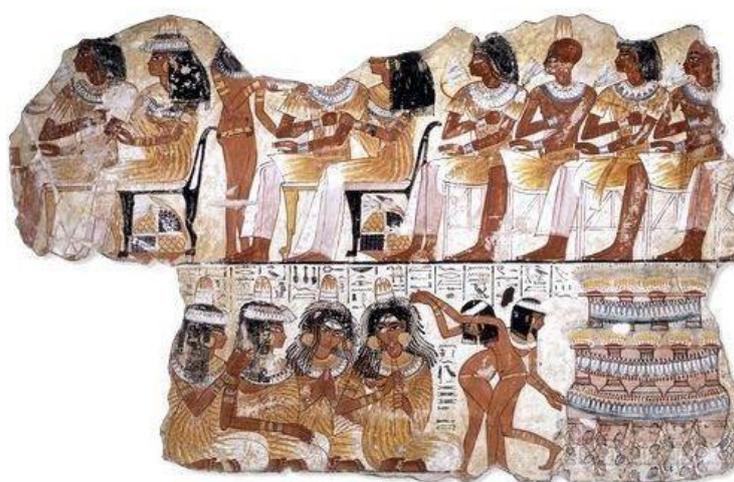


Figura 12 - Pintura de fragmento de afresco. Túmulo de Nebamon. Tebas, Novo Império XVIII dinastia. (Museu Britânico).

As mulheres retratadas no Papiro Erótico de Turim colocaram seus instrumentos musicais no piso da casa enquanto realizam o ato sexual com seu parceiro, formando assim, um dos doze casais da cena. Em vez de cantar, dançar e fazer acrobacias, para entreter o casal dono casa, como vemos nas figuras 10 e 11, estas mulheres passam a fazer parte dos personagens principais dessas representações. Tanto no papiro quanto nas imagens de banquetes existe a mobília em comum, outro ponto semelhante são as ânforas para depósito de bebidas.



Figura 13 - Ânforas para os depósitos de bebidas.

Tumba do arquiteto Kha em Deir el-Medina. Novo Império.

A cerveja era a bebida mais comum em Deir el-Medina, pois o vinho, assim como a carne bovina, eram produtos mais caros, consumidos pelos artesãos com mais prestígio sociais²⁵ da vila, ou distribuídos quando da comemoração dos anos de reinados dos faraós (durante a Festa Sed). A bebida era sagrada, pois os deuses apreciavam estas oferendas, e os vivos queriam que este líquido estivesse presente na sua vida cotidiana no além. Por isso, ânforas eram colocadas nas tumbas privadas, como podemos ver exemplos na Tumba do arquiteto real Kha, na figura 13, nobre morador da vila. Estas também aparecem representadas nas paredes das tumbas.

²⁵ Os nobres da vila eram aqueles que detinham cargos administrativos e religiosos mais elevados que os simples artesãos (escultores, pintores, desenhistas etc.), como era o caso do escriba da tumba que era encarregado dos registros das atividades diárias e os chefes das equipes de artesãos.



Figura 14 - Papiro Erótico de Turim.

Nesta parte do Papiro Erótico de Turim da figura 14, temos dois momentos que foram satirizados: um relativo ao casal divino Geb e Nut e o outro relativo a Osíris e Ísis. Em relação ao segundo momento, a cena nos remete ao momento da mitologia egípcia em que Osíris foi mumificado e colocado sobre uma cama, tendo seu falo reconstituído magicamente em posição ereta, para que a união sexual ali ocorresse e gerasse um filho herdeiro.²⁶ Na imagem do papiro temos justamente o oposto, temos um homem (Osíris) que deveria estar deitado sobre a cama, aparece em baixo e com seu órgão genital não ereto, impossibilitando assim, a consumação do ato sexual, e conseqüentemente, a procriação divina.

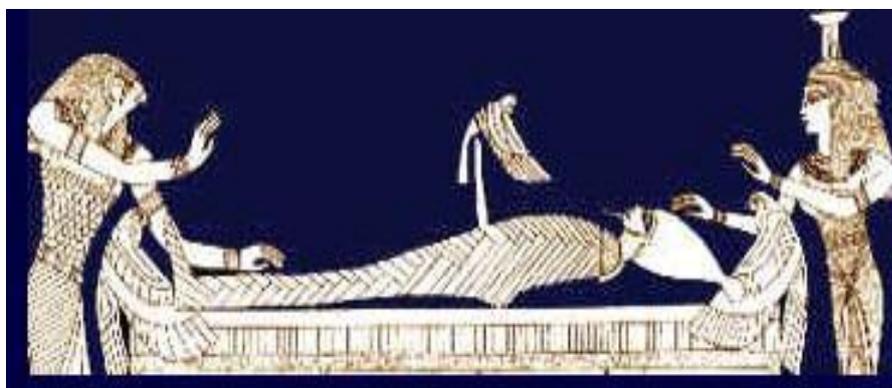


Figura 15 - Esboço de um alto-relevo que também mostra o momento do ato sexual do casal Ísis e Osíris (aqui Ísis pousa sobre o corpo mumificado de Osíris na forma de um milhafre, uma espécie de falcão).

Fonte: ANTELME, R. S; ROSSIN, S. *Sacred Sexuality in Ancient Egypt*:

The erotic secret of forbidden papyru. Vermont: Inner Traditions International, 1999. p.17.

A infertilidade no cotidiano de Deir el-Medina era algo bastante temido, tanto para os homens, quanto para as mulheres. Não ser fértil na vila poderia levar a um divórcio ou anulação da união do casal. O homem não fértil ou impotente era algo muito grave, pois este ao morrer dependeria de um filho que perpetuasse sua memória, levando oferendas e fazendo

²⁶ O falo de Osíris foi perdido durante as contendas com seu irmão Seth pela disputa pelo trono egípcio, este despedaçou o corpo de Osíris, espalhando as várias partes de seu corpo por todo Egito.

ritos em sua tumba. Com estes procedimentos o morto não teria seu nome esquecido, e nem sua história.

Voltando ao assunto sobre as casas em Deir el-Medina, sabemos que o mobiliário doméstico era caro e somente arquitetos, chefes de equipes, sacerdotes, escribas e capatazes, que formavam um grupo nobre dentro da vila (VALBELLE, 1985, p.121-122), podiam ter artigos de luxo como camas, por exemplo. O restante dos artesãos dormia em esteiras sobre o piso, ou dormiam no teto das casas, por onde subiam por escadas (VALBELLE, 1985, p. 118-120). Em várias casas em Deir el-Medina temos uma outra estrutura que ficava localizada logo no primeiro compartimento, chamada de camas elevadas. De acordo com Michelle Lesley Brooker, as camas elevadas em Deir el-Medina tinham a seguinte função:

The ancestors were seen as influential in the everyday lives of the people at Deir el-Medina, and they recognized that they too would become a deceased ancestor someday. The construction of the elevated bed for the ancestors therefore was not only dedicated to first deceased family members, but would also benefit, and be used by, each future family generation. When the homeowner entered the afterlife, this structure could be therefore used by their children, and their children's children for the dedication, worship and offerings to the deceased. This conveys the belief of an ancient Egyptian, that life was a preparation for death. (BROOKER, 2009, p.132).

Os antepassados dos moradores das casas eram considerados por estes como seres poderosos e que se fossem agradados com oferendas e ritos, trariam boa sorte para casa. Agradando o morto com oferendas e cultos, os moradores que dormissem ali tinham o sentimento de proteção do antepassado. Mesmo as camas comuns, como aquelas que vemos na figura 16, encontradas nas casas da vila, também transmitiam a ideia de proteção e o abrigo que os artesãos tinham em relação as suas casas.



Figura 16 - Foto da cama elevada no sítio arqueológico de Deir el-Medina



Figura 17 - Cama de Kha. XVIII Dinastia. 1428-1351 a.C. (Museu Egípcio de Turim)

A cama, assim como a casa, é o espaço de abrigo na vida humana, segundo Ballnow: “por toda parte a cama confere, com seu calor e seu caráter protetor, um sentimento de paz e abrigo ao homem” (BOLLNOW, 2008, p.179). Para os artesãos o sentimento de paz e abrigo vinha justamente pela proteção dos seus antepassados que os abrigavam e os protegiam do espaço externo.

Passamos agora para as próximas cenas do papiro na figura 18. Trataremos de outros objetos do espaço vivenciado, seriam os acessórios de beleza e outras mobílias existentes nas habitações de Deir el-Medina. Em relação aos objetos de beleza temos a representação de uma mulher se maquiando em frente a um espelho.

A maquiagem servia tanto para o embelezamento e sedução, quanto para a proteção, em alguns casos. Os espelhos estavam ligados à divindade Hathor, a deusa associada à vaca, animal símbolo da fertilidade e que também era uma divindade detentora de várias características como protetora da beleza, da bebida, da música e da sexualidade, da maternidade, do matrimônio etc. O espelho que a mulher segura, na figura 18, ao centro, nos faz referência à deusa Hathor, mas outros elementos que percebemos no papiro como todo, nos remete as estas características desta deusa, como a referência à bebida ou embriaguez (ânforas); a beleza (o espelho e a maquiagem); a música (a harpa e o sistro)²⁷ e a própria sexualidade.

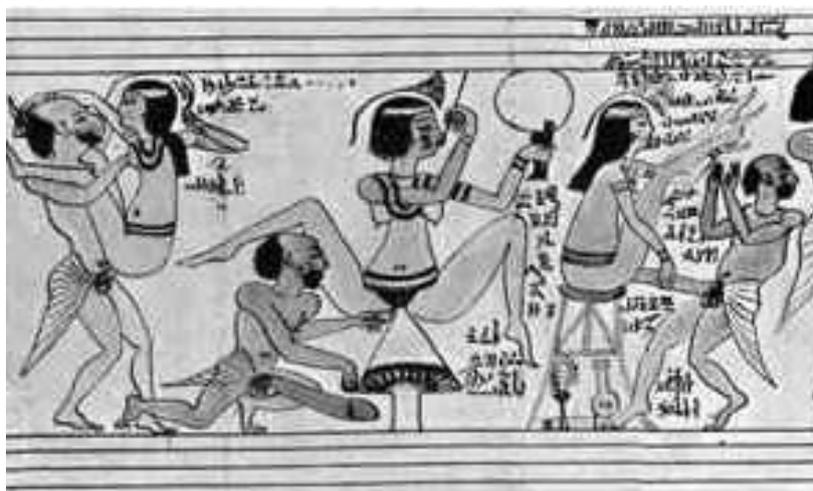


Figura 18 - Papiro Erótico de Turim, dama se maquiando.

²⁷ Sistro era uma espécie de instrumento musical, um chocalho que era utilizado nos cultos à deusa Hathor.



Figura 19 - caixa de maquiagem da Tumba De Kha, XVIII dinastia, Novo Império.



Figura 20 - cama, bancos, caixas e jarras. Tumba de Kha, XVIII dinastia, Novo Império.



Figura 21: Peruca da Merit esposa de Kha. Tumba de Kha, XVIII dinastia, Novo Império.

Dentre outros objetos que percebemos nas cenas do Papiro Erótico de Turim, estão os acessórios utilizados pelas mulheres que por estarem portando jóias, de acordo com o padrão iconográfico egípcio, indica que são nobres. Além das jóias, as mulheres usam duas peças que fazem referência à questão da sexualidade, a peruca, como as da figura 21, e o cinto de conchas. Ambos são elementos da sexualidade e fertilidade egípcio, tudo que se referia aos cabelos tinha conotação sexual. Outra característica de teor sexual é a presença da flor-de-lótus – que aparece nas cabeças de todas as mulheres no papiro e em várias tumbas particulares, temos também retratadas nas cenas dos banquetes, mulheres cheirando estas flores, que tinham propriedades narcóticas. E ainda, nas ultimas cenas do papiro, na figura 22 abaixo, temos a representação de um macaco que, segundo Lisa Manniche, é um animal de estimação da senhora. Ele é retratado nas cenas de banquetes e muitas das interpretações são eróticas (MANNICHE, 1987, p.41-43).

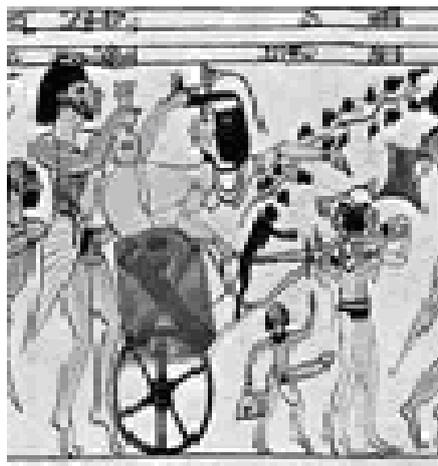


figura 22: Papiro Erótico de Turim

EROTISMO NAS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DOS BANQUETES PRIVADOS

Estudaremos agora as representações existentes nas tumbas particulares dos artesãos egípcios que viveram na Vila Deir el-Medina, as imagens retratadas nestes túmulos são de temáticas de banquetes, nelas podem ser identificadas vários elementos da sexualidade egípcia. Características eróticas que também contém a presença sempre constante de princípios religiosos e divinos. Mostraremos neste momento os elementos de composição nas cenas de banquetes fúnebres, como as dançarinas, cantoras musicistas e acrobatas etc.

Existem imagens de dança em várias tumbas privadas no Egito, cenas de ritos e festas, na maioria das vezes têm mulheres dançando. Sempre estão vestidas com roupas para cada ocasião, mas um detalhe é sempre comum nas pinturas de dançarinas egípcias antigas, elas sempre estão desenhadas elegantemente ou mostrando todo o erotismo que os antigos egípcios idealizavam na mulher dançarina. Essas mulheres usavam roupas coladas, transparentes ou apenas um cinturão de conchas, como já foi visto nas imagens das dançarinas da tumba de Nebamon.



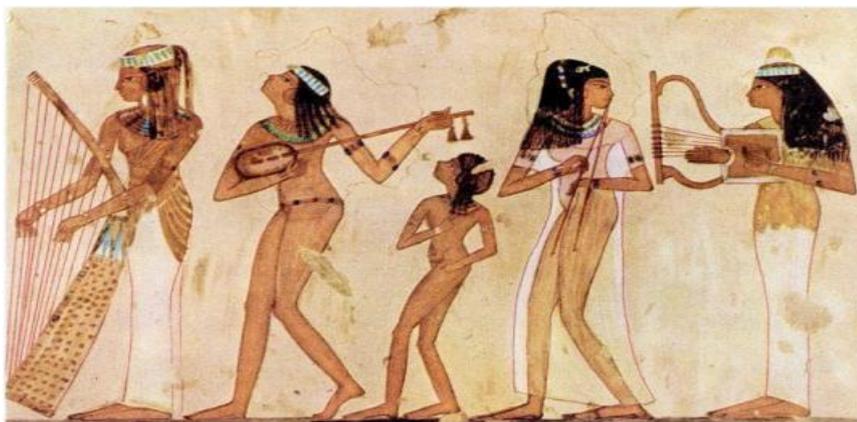
Figura 23 - Acrobatas egípcias. Templo de Karnak.
Novo Império.

Na figura 23 temos outra imagem, agora com um grupo de acrobatas, feita em alto relevo do templo de Karnak, nesta cena vê toda ação da coreografia.

Seguindo o mesmo padrão de beleza da iconografia, veremos adiante várias outras pinturas de tocadoras de instrumentos musicais, usando seus vestidos colados, como se estivessem em tubos. Mesmo não sendo transparentes como outros vestidos que apareceu anteriormente, o artista tomou todo cuidado para mostrar todas as curvas das egípcias, proporcionando um erotismo velado. Na imagem a seguir temos uma tocadora de instrumento musical, portando uma tatuagem do Deus Bés em uma de suas coxas, segurando um instrumento musical e com um macaco ao seu lado. Tanto o deus Bés quanto o macaco carregam consigo todo um simbolismo da sexualidade egípcia.



Figura 24 - Museu de antiguidades de Leiden, tocadora de instrumento musical,
Portando a tatuagem do deus Bés nas coxas.



Figura

túmulo egípcia, mulheres musicas do Egito antigo.

25 - Pintura de

Fonte: <http://www.fascinioegito.sh06.com/instrume.htm>

Na figura acima vemos um grupo de mulheres tocando instrumentos musicais, umas usando roupas coladas com um dos seios à mostra, outra com vestidos transparentes, e outra só usando apenas cintos de conchas. Utilizando sempre suas perucas com seus cones de cera perfumados. Na cena abaixo, figura 26 vemos um desenho em óstraco de uma jovem musicista egípcia, desenhada com o rosto de perfil e os dois seios de frente, ela esta usando peruca e acima de sua cabeça a flor de lótus, usando apenas uma fita na cintura: como comenta o egiptólogo Manuel Araújo:

Jovens servidoras nuas com uma fiada de contas simples ornando a cintura. O costume é, porém muito antigo: adornos semelhantes, por vezes de uma grande riqueza, têm sido encontrados em túmulos de épocas anteriores... (ARAÚJO, 2000).



Figura 26 - Desenho de tocadora de instrumento musical.
Óstraco de Deir el-Medina, XIX dinastia. (museu egípcio de berlin).

Fonte: ARAÚJO, Luís M. *Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo*. Lisboa: Colibri, 1995.

Nas imagens a seguir temos representações de grupos musicais em três tumbas diferentes, a primeira extraída da tumba de Rejmire, a segunda da tumba de Nakht e por fim as famosas imagens de representações de tumba de Nebamom. Sabemos que estes grupos musicais eram compostos pelas acrobatas, dançarinas, musicistas e cantoras. Segundo Brancaglione é possível estes grupos musicistas de mulheres fossem independentes do santuário e trabalhasse como “confraria profissional” (BRANCAGLIONE, 1999, p.148), com forte ligação com a deusa Hathor.²⁸ Nas figuras a baixo vemos instrumentistas tocando seus instrumentos musicais.

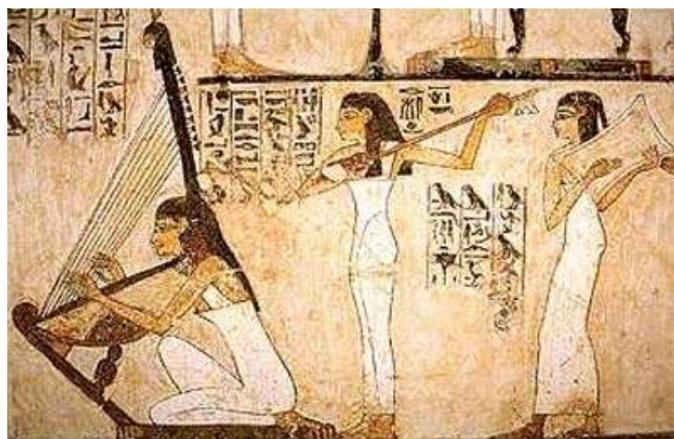


Figura 27 - Tumba de Rejmire – vizir de Tebas, reinado de Tutmés III-Amenhotep II.
Novo Império.

²⁸ Deusa da dança, da festa, música, amor, bebida etc. (WILKINSON, R. H. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames and Hudson, 2003. p. 139-144).

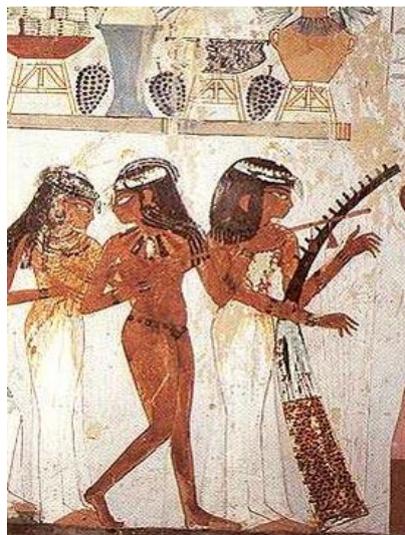


Figura 28 - Músicas desenhadas na tumba de Nakht,
Período de Tutmés IV – 1419-1386 a.C.
Novo Império.

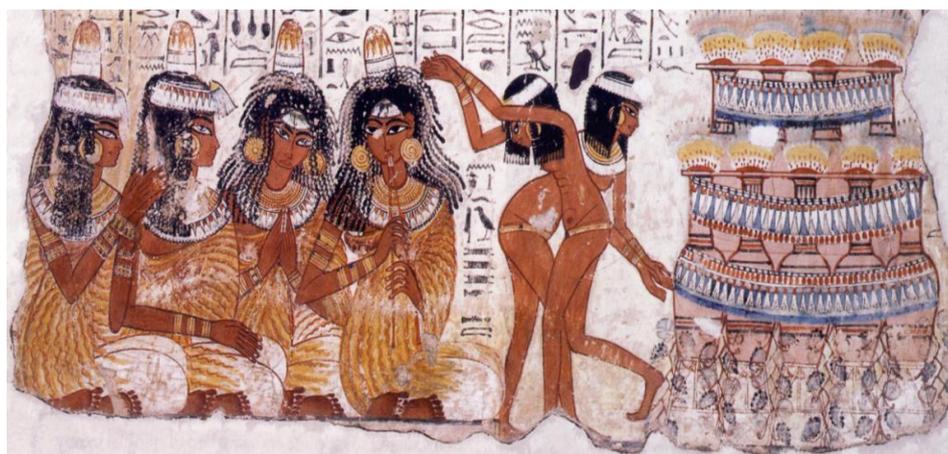


Figura 29 - Fragmento da tumba do nobre Nebabom

Fonte: http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=37986.jpg&retpage=1517

8

Uma prova da ligação dos grupos musicais com a sexualidade não vem somente pelo fato de fazerem culto à deusa Hathor, podemos detectar isso pela própria iconografia, como, por exemplo, representações dessas dançarinas – musicistas em referência ao sexo ou em práticas de ato sexual diretos (BRANCAGLION, 1999, p.149), a questão da sexualidade e erotismo representadas nas tumbas é uma de suma importância, pois no Egito Antigo, sexo e algo divino, pois somente através do ato sexual que se pode ocorrer a vida. O sexo para os antigos egípcios, é a origem da vida praticada pelos deuses para criar todos os seres vivos, ou seja, para que o morto tivesse a possibilidade de ter a vida no além, era necessário ter em suas

tumbas representações de atos sexuais, ou que simbolizassem a fertilidade, como veremos em duas imagens logo abaixo:



Figura 30 - Deir el-Bahari, Local famoso de culto a deusa Hathor XVII dinastia. (Museu Metropolitano de arte de Nova Iorque).

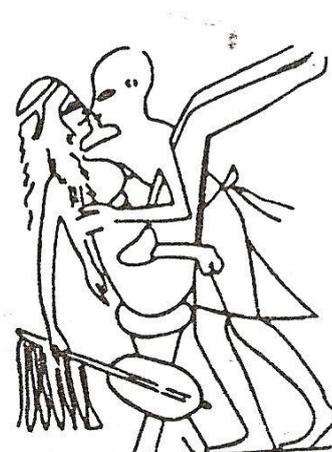


Figura 31 - Arrojado coito com os órgãos sexuais masculinos e femininos configurados em transparência (Tebas, Novo Império).
Fonte: ARAÚJO, Luís M. *Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo*. Lisboa: Colibri, 1995.

REFERÊNCIAS

ANTELME, R. S; ROSSIN, S. *Sacred Sexuality in Ancient Egypt: The erotic secret of forbidden papyru*. Vermont: Inner Traditions International, 1999.

ARAÚJO, Emanuel Oliveira. *Escrito para eternidade. A literatura no Egito Faraônico*. UNB; 2000.

ARAÚJO, Luíz M. de. *Estudos Sobre Erotismo No Antigo Egito*. Lisboa: Colibri, 1995.

BAINES, John. *O mundo egípcio: Deuses, templos e faraós*. Madri: Edições Del Prado, v. 1, 1996.

BOLLNOW, Otto Friedrich. *O homem e o espaço*. Trad. Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BRANCAGLION, Antonio. Jr. *O banquete funerário no Egito Antigo – Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.)*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BROOKER, M. L. *A new approach of identifying the function of the elevated beds at Deir el-Medina*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Institute of Archaeology and Antiquity, The University of Birmingham, 2009.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das religiões*: Lisboa: cosmos, 1997.

ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GRAVES-BROWN, Carolyn. *Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt*. New York: Continuum, 2010.

HERÓDOTOS. *História*. 2 ed. Brasília UNB, 1988.

JAMES, T. H. *Mitos e lendas do Egito Antigo*. 2 ed. São Paulo: Melhoramento, 1978.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

NOBLECOURT, Christiane D. *A mulher no tempo dos Faraós*. São Paulo: Papyrus, 1994.

MANNICHE, L. *A vida sexual no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

MEEKS, Dimitri; FAVARD-MEEKS, Chrstne. *La vida de los dioses egipcios*. Madri: Temas de hoy, 1996.

MYSLIWIEC, K. *Eros on the Nile*. Ithaca: Cornell University Press, 2004.

OLIVEIRA, H. *Mãe, filha, esposa, irmã*. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no Egito durante a XIX Dinastia (1307-1196 a.C.). O caso de Deir el-Medina. Tese (Programa de Pós-graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

TYLDESLEY, J. *Daughters of Isis: women of Ancient Egypt*. New York: Penguin Books.1995.

TRAUNCKER, Claude. *Os deuses do Egito*. Brasília: UNB, 1995.

VALBELLE, D. "*Les Ouvriers de la Tombe*". Deir el-Medine à la époque Ramesside. Institute Français d'Archéologie Orientale du Caire, 1985.

WILKINSON, R. H. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames and Hudson, 2003.